

# O ESPAÇO E A ASSOMBRAÇÃO: O GÓTICO DE SHIRLEY JACKSON EM *THE HAUNTING OF HILL HOUSE*

## *THE SETTING AND THE HAUNTING: SHIRLEY JACKSON'S GOTHIC IN THE HAUNTING OF HILL HOUSE*

Isabelle Rodrigues de Mattos Costa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apontar os elementos góticos presentes no romance *The Haunting of Hill House* (2006), de Shirley Jackson, considerando que o estranhamento presente nessa obra parte principalmente de sua ambientação ameaçadora e dos acontecimentos sobrenaturais que ali se desenrolam. Assim, analisaremos a natureza da assombração e sua relação com o espaço, além de sua aparente conexão com a personagem Eleanor que, segundo Laura Miller, poderia ser responsável pelos eventos terríveis que acontecem em *Hill House*.

Palavras-chave: gótico; assombração; espaço.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to highlight the gothic elements in *The Haunting of Hill House* (2006) and analyze in what manner this weirdness originates from the intimidating setting and the supernatural events that unfold within such scenery. Therefore, the nature of the haunting will be analyzed, as its relationship with the setting and its connection with the character Eleanor who, according to Laura Miller, could be responsible for the scaring events that take place in *Hill House*.

Keywords: gothic; haunting; setting.

### 1. INTRODUÇÃO

Em *The Cambridge Companion to Gothic Fiction* (2002), Jerrold Hogle apresenta o gênero gótico como um fenômeno pós-medieval, afirmando que a primeira obra a se

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras, UERJ.

autointitular gótica foi *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole<sup>2</sup>: uma narrativa ficcional que se fazia passar por medieval, mas que fora escrita muito depois da Idade Média. Walpole declarou que sua obra era um misto de dois tipos de romance, o antigo e o novo, que abrangia tanto a imaginação e a improbabilidade do primeiro tipo quanto as leis de probabilidade que regiam o segundo, uma combinação que ele denominou “gótico”. A obra de Walpole exibia um enredo repleto de suspense e acontecimentos sobrenaturais, estreando um cenário antiquado com um castelo amplo e misterioso, repleto de passagens secretas, quadros e escadarias (HOGLE, 2002, p. 01).

O gótico, porém, seria um gênero bastante instável, e seus elementos seriam difundidos em diferentes modos, modificando-se com o passar do tempo. Hogle caracteriza o gótico como flexível e maleável, afirmando que ele combina estilos distintos; mas, uma vez que alguns elementos repetem-se ao longo de várias obras consideradas góticas, torna-se possível especificar certos parâmetros pelos quais podemos identificar uma obra como pertencente a esse gênero.

Segundo Hogle (2002), apesar de nem sempre se mostrar de maneira óbvia, como em *Drácula* (1897)<sup>3</sup> ou *O castelo de Otranto*, uma obra gótica costuma se desenrolar num espaço antiquado — um castelo, uma prisão, um cemitério, etc. Nesse espaço antiquado, ou na combinação de vários desses espaços, há algum segredo do passado que assombra psicológica e/ou fisicamente as personagens. Essa assombração pode se mostrar de diversas maneiras, mas frequentemente se apresenta por meio de fantasmas, espectros ou monstros (seres que combinam aspectos de diferentes naturezas, tais como a vida e a morte) que se originam a partir do espaço antiquado ou o invadem para manifestar crimes insolúveis ou conflitos que não podem mais permanecer ocultos. A partir desse espaço antiquado e da assombração, o enredo de uma obra gótica costuma oscilar entre a realidade e a possibilidade do

---

<sup>2</sup> Para este estudo consideramos a edição de 1996.

<sup>3</sup> Para este estudo consideramos a edição de 2003.

sobrenatural. Embora seja comum que a narrativa se encaminhe para um final em que uma das opções é afirmada, a obra costuma explorar a possibilidade de que o limite entre o real e o sobrenatural foi cruzado.

O espaço antiquado possui, portanto, imensa importância na narrativa gótica. Os grandes e velhos castelos ou mansões, por meio de suas dimensões e feições, podem ser considerados símbolos de poder: segundo uma leitura política do gótico, tais espaços distinguiriam o poder dos lordes e senhores medievais, em sua magnânima onipotência, em contraste com o povo pobre e servil, por eles dominado. Uma vez que, na Idade Média, construções de tais proporções só poderiam ser fruto de muita riqueza, o castelo acabou se tornando a morada do vilão e do opressor, ou seja, um local a ser evitado e temido.

## 2. CARACTERIZAÇÃO DO GÓTICO EM *THE HAUNTING OF HILL HOUSE*

Assim como as obras citadas anteriormente, o romance *The Haunting of Hill House* (1959), de Shirley Jackson, possui tanto um espaço antiquado quanto a presença de uma assombração: elementos que, segundo Hogle, poderiam caracterizar essa obra como gótica. O enredo de Shirley Jackson nos apresenta o doutor John Montague como um estudioso de antropologia fascinado pelo estudo do paranormal, cujo objetivo é escrever um livro sobre manifestações sobrenaturais. Assim, ele aluga *Hill House*, uma casa considerada assombrada, e planeja residir nela durante três meses numa tentativa de testemunhar acontecimentos fora do comum. Para acompanhá-lo em tal pesquisa, ele convida o herdeiro da casa, Luke Sanderson, e duas assistentes, solicitando que também habitem *Hill House* e registrem por escrito os acontecimentos paranormais que ali testemunhassem. As assistentes, Eleanor Vance e Theodora, não fazem parte do meio acadêmico do doutor e não o conheciam até terem sido convidadas para participar de sua pesquisa (convite feito após o doutor ter

ouvido falar que Theodora tinha algum tipo de habilidade telepática, e que Eleanor havia se envolvido com um *poltergeist* durante a infância). Ele confessa que esperava que a peculiaridade de cada uma poderia de alguma forma intensificar as forças que atuavam no local.

Assim que Eleanor fica diante de *Hill House* pela primeira vez ela sente que a casa é vil e que seria melhor se afastar dali — “vil” é um adjetivo dificilmente empregado com objetos inanimados, e seu uso já sugere que a casa não parece de todo inanimada, mas sim dotada de uma índole má, sobre a qual o próprio doutor os alerta:

Creio que não preciso lembrá-los de que o conceito de certas casas como impuras ou proibidas — talvez sacras — é tão antigo quanto a mente do homem. Certamente existem locais que inevitavelmente adquirem uma atmosfera de santidade e bondade; então talvez não pareça extravagante demais afirmar que algumas casas nascem más. [...] Ninguém nem ao menos sabe por que algumas casas são consideradas assombradas [...] perturbadas, talvez. Leprosas. Doentes. Qualquer eufemismo popular para insanidade; uma casa demente é uma bela presunção.<sup>4</sup> (JACKSON, 2006, pp. 50-51, tradução nossa).

Para o doutor, a casa é insana e todas as suas características malévolas não passam de eufemismo para sua loucura. Sem dúvida um local estranho, não é à toa que *Hill House* é temida pelos habitantes da cidade, que não se aproximam dela nem gostam de falar sobre tal lugar. É um ambiente evitado até mesmo pelos encarregados de cuidar dele — a senhora Dudley, por exemplo, que era a responsável pela limpeza, sempre deixava os terrenos antes que anoitecesse.

Seu interior causa estranhamento, sendo amplo a ponto de as pessoas não encontrarem os aposentos que procuram; além disso, as portas fecham-se sozinhas,

---

<sup>4</sup> “I need not remind you, I think, that the concept of certain houses as unclean or forbidden — perhaps sacred — is as old as the mind of man. Certainly there are spots which inevitably attach to themselves an atmosphere of holiness and goodness; it might not then be too fanciful to say that some houses are born bad [...] No one knows, even, why some houses are called haunted [...] disturbed, perhaps. Leprous. Sick. Any of the popular euphemisms for insanity; a deranged house is a pretty conceit”. (JACKSON, 2006, pp. 50-51).

como se *Hill House* quisesse confundir seus ocupantes. A personificação da casa é tamanha que ela possui um nome próprio<sup>5</sup>, além de um coração em analogia aos seres vivos: um quarto onde a temperatura é ligeiramente mais fria do que em qualquer outro. *Hill House* parece emanar uma energia própria, uma consciência que causa desconforto aos personagens, pois sentem como se estivessem sendo observados.

Logo que chegam ao lugar, eles brincam e fazem piadas a respeito da casa, como se tentassem mostrar que não se assustavam facilmente. Eleanor, no entanto, parece bem mais incomodada de estar ali, embora tente se mostrar tão à vontade quanto os demais, disfarçando seu estranhamento:

— Não acho que poderíamos ir embora agora se quiséssemos — Eleanor falou antes de perceber o que iria dizer, ou como aquilo iria soar para os outros; ela viu que eles a estavam encarando e gargalhou, completando de maneira pouco convincente: — A Sra. Dudley jamais nos perdoaria. — Ela se perguntou se eles realmente acreditaram que fora aquilo que ela quisera dizer, e pensou: Talvez esta casa nos tenha sob seu controle, talvez ela não nos deixe partir.<sup>6</sup> (JACKSON, 2006, p. 54, tradução nossa).

Mesmo após testemunharem a primeira manifestação sobrenatural (batidas às portas dos quartos), eles riem do ocorrido e não se sentem verdadeiramente ameaçados a ponto de abandonar o lugar. Em outras palavras, *Hill House* não parece representar uma ameaça física para eles, pois em nenhum momento a casa fere

---

<sup>5</sup> O nome “Hill House” poderia ser traduzido como “A Casa da Colina”. O isolamento do lugar não passa despercebido, pois além de a propriedade estar afastada da cidade, as próprias colinas de certa forma isolavam-se do terreno ao redor, e *Hill House* era uma construção solitária sobre elas. No livro, diz-se que, se não fosse a fiação elétrica que saía da casa em direção às árvores, não haveria evidência de que *Hill House* estava de qualquer forma conectada ao resto do mundo (JACKSON, 2006, p. 35). Tamanha isolação, como já dito no início, é definitivamente um elemento gótico, assemelhando a construção aos antigos castelos medievais.

<sup>6</sup> “‘I don't think we could leave now if we wanted to.’ Eleanor had spoken before she realized clearly what she was going to say, or what it was going to sound like to the others; she saw that they were staring at her, and laughed and added lamely, ‘Mrs. Dudley would never forgive us’. She wondered if they really believed that that was what she had meant to say, and thought, Perhaps it has us now, this house, perhaps it will not let us go.” (JACKSON, 2006, p. 54).

fisicamente seus ocupantes. Portanto, o terror se manifesta no plano psicológico: a casa os assusta através de suas percepções.

O estranhamento que esse romance causa parte principalmente de dois princípios: sua ambientação ameaçadora e os acontecimentos paranormais que se desenrolam dentro desse espaço. Entre tantas abordagens possíveis, são esses dois aspectos que pretendo analisar: como o espaço é construído e de que maneira a assombração se manifesta nele.

### 3. O ESPAÇO E A ASSOMBRAÇÃO NA COMPOSIÇÃO DO GÓTICO

Ao longo do romance, encontramos vários fragmentos descrevendo o desconforto dos personagens em relação à casa, principalmente da protagonista, Eleanor, que ao colocar os olhos sobre *Hill House* pela primeira vez sente que seria melhor deixar o lugar. A casa em si atormenta os personagens: seus ângulos e suas cores causam desconforto a quem os olha, e também há a impressão de que a casa se move sozinha, além da constante sensação de estar vigiando a todos.

No romance, a estranheza do ambiente é explicada por consistir de ângulos tortos, que parecem retos à primeira vista, mas na verdade estão alguns graus inclinados para um lado ou outro (JACKSON, 2006, p. 77). Assim, as portas estariam descentralizadas; portanto, a vibração causada pelos passos dos personagens perturbaria seu equilíbrio, fazendo com que se fechassem. O doutor Montague insinua que essas alterações arquitetônicas tornariam *Hill House* uma distorção como um todo, e os próprios personagens concluem que a exposição a tais ângulos certamente afetaria o equilíbrio de uma pessoa, já que a mente procuraria os ângulos retos a que está acostumada, gerando conflito.

Além de *Hill House* aparentar possuir vida própria, parece que algo mais vaga em seu interior: uma assombração. A natureza de tal assombração é desconhecida,

tanto poderia ser o fantasma de um antigo habitante quanto uma espécie de consciência da casa — uma vez que não apresentava uma aparência única, mas se mostrava por meio de diferentes formas (entre as aparições que os personagens testemunham estão o vulto de um cachorro e de uma família). Essa assombração age de diversas maneiras para atormentar os personagens, causando diferentes efeitos: ela bate às portas e tenta arrombá-las, escreve mensagens nas paredes, causa frio aos personagens, emite sons de passos, vozes, risos e choros. Há também efeitos fisicamente palpáveis, pois uma vez Eleanor pensa estar segurando a mão de Theodora, mas descobre que Theodora está fora de seu alcance, indicando que ela de fato esteve segurando a mão da assombração.

Uma vez que a ameaça que *Hill House* oferece é psicológica, os personagens têm plena consciência de que a assombração não lhes pode causar diretamente nenhum dano físico, apenas assustá-los (JACKSON, 2006, p. 102). Assim, mesmo após tantas manifestações paranormais, eles não pensam seriamente em cancelar a pesquisa e abandonar a casa — nem mesmo Eleanor que, apesar de o pensar repetidamente, rejeita todas as oportunidades de se afastar.

#### 4. PODERIA UMA PERSONAGEM SER RESPONSÁVEL PELO ASSOMBRAMENTO?

Na introdução para o livro de Shirley Jackson, Laura Miller sugere que Eleanor poderia ser a responsável pelos eventos sobrenaturais que ocorrem em *Hill House* “[...] e as coisas terríveis que lá acontecem emergem de sua vida interior e a expressam”<sup>7</sup> (MILLER, 2006, p. ix, tradução nossa). Miller implica que, em vez de apenas uma vítima da casa, Eleanor poderia ser a causa do assombramento, uma vez que ela havia tido um incidente com um *poltergeist* em sua infância e, talvez, fosse esse seu *poltergeist* pessoal que estivesse causando os fenômenos na casa (p. xi).

---

<sup>7</sup> “[...] and the terrible things that happen there emerge from and express her inner life”. (MILLER, 2006, p. ix).

As afirmações de Laura Miller encontram eco na famosa história de Henry James, *Outra volta do parafuso* (1898), em que a protagonista (uma preceptora que trabalha numa antiga mansão) é assombrada por aparições que somente ela parece enxergar: por mais que tente descobrir se as crianças ou os outros empregados da mansão também conseguem ver as ditas aparições, nunca fica claro se apenas ela as vê ou não. E é exatamente essa incerteza, essa hesitação por parte do leitor, que garante à obra o efeito fantástico, segundo classificação apresentada por Todorov: não há como ter certeza se os fantasmas eram reais ou se eram apenas manifestações de uma mente perturbada (TODOROV, 1992).

Essa teoria sobre personalidade instável e loucura como catalizadora de alucinações parece razoável se encontrarmos apoio na história e respeitarmos a lógica interna da narrativa: se a preceptora era realmente a única a ver os fantasmas, então faria sentido afirmar que os fantasmas habitavam apenas a sua própria mente perturbada. Claramente essa dúvida sobre a veracidade das aparições faz parte do jogo narrativo dessas histórias de fantasmas psicológicas, que procuram manter o leitor na incerteza, sem deixar claro se as aparições são realmente manifestações sobrenaturais ou não. Justamente por isso, devemos buscar as pistas dentro da história para desvendar a natureza da assombração em questão: se é um elemento comum a vários personagens ou exclusivo a uma única personagem. Assim, para decifrar a natureza da assombração de *The Haunting of Hill House* devemos analisar sua origem e a maneira pela qual se manifesta.

## 5. MANIFESTAÇÃO DA ASSOMBRAÇÃO EM *THE HAUNTING OF HILL HOUSE*

*Hill House* e a assombração que a habita estão intrinsecamente ligadas; então, analisar a essência da assombração implica analisar a casa como um todo. Como já foi



mencionado, a descrição de *Hill House* consiste de adjetivos ligados a uma maldade quase inata do lugar, o que podemos verificar no seguinte fragmento:

Nenhum olho humano pode isolar a infeliz coincidência de linha e localidade que sugerem o mau na face de uma casa, mas, ainda assim, de alguma forma a justaposição maníaca, um ângulo mal virado, alguma junção ao acaso de teto e céu, transformaram Hill House num local de desespero, mais assustador devido à face de Hill House parecer acordada, com uma vigilância das janelas vazias [...] mas uma casa arrogante e odiosa, nunca desprevenida, somente pode ser má. [...] Era uma casa sem bondade, jamais feita para ser habitada, não era um local apropriado para pessoas ou para o amor ou para a esperança. Exorcismo não pode alterar o conteúdo de uma casa; Hill House permaneceria como era até ser destruída.<sup>8</sup> (JACKSON, 2006, p. 24, tradução nossa).

Além disso, a própria história da casa envolve morte, roubo e animosidade. Como o doutor narra aos outros personagens, a casa fora construída por Hugh Crain há oitenta anos, tendo sido palco de acontecimentos estranhos desde seu princípio, pois minutos antes da esposa de Crain entrar na casa pela primeira vez, a carruagem onde estava sofreu um acidente nos arredores e a mulher foi levada morta para *Hill House*. Quando as duas filhas de Crain cresceram, brigaram constantemente pela casa, até que a irmã mais jovem se casou e concordou em abrir mão da casa em troca de alguns bens que a outra prometeu lhe entregar. Assim, a irmã mais velha foi morar em *Hill House* na companhia de uma garota do povoado — mas as irmãs continuaram discutindo pela propriedade até a mais velha falecer de pneumonia. Sua companheira se tornou legalmente a dona do lugar, mas continuou brigando com a irmã da falecida pela posse da casa. Ela afirmava que a irmã mais nova constantemente invadia a casa à noite e roubava objetos, embora a outra negasse ser a autora dos roubos. Assim, ela

---

<sup>8</sup> “No human eye can isolate the unhappy coincidence of line and place which suggests evil in the face of a house, and yet somehow a maniac juxtaposition, a badly turned angle, some chance meeting of roof and sky, turned Hill House into a place of despair, more frightening because the face of Hill House seemed awake, with a watchfulness from the blank windows [...] but a house arrogant and hating, never off guard, can only be evil [...] It was a house without kindness, never meant to be lived in, not a fit place for people or for love or for hope. Exorcism cannot alter the countenance of a house; Hill House would stay as it was until it was destroyed”. (JACKSON, 2006, p. 24).

jamais teve paz, brigando constantemente com a irmã mais nova e afirmando que apesar das trancas a casa continuava sendo invadida à noite. Transtornada pelos acontecimentos, ela acabou se enforcando. Depois disso, ninguém conseguiu morar ali por mais do que alguns dias.

Fora a história da casa que atraía o doutor para lá, pois ele desejava estudar seus fenômenos sobrenaturais, portanto, *Hill House* já era considerada assombrada antes de Eleanor se aproximar do lugar:

Hill House, seja qual for a causa, permanece inadequada para habitação humana há mais de vinte anos. Como era antes disso, se a sua personalidade foi moldada pelas pessoas que aqui viveram, ou pelas coisas que fizeram, ou se a casa era má desde o início são perguntas que não posso responder.<sup>9</sup> (JACKSON, 2006, pp. 50-51, tradução nossa).

A assombração parece incorporar todo o mal que *Hill House* apresenta, agindo como a essência da própria casa. Dessa forma, sua relação com o espaço físico parece ser de dependência total: a assombração e *Hill House* são tão ligadas que um exorcismo não seria o suficiente para expulsá-la dali (JACKSON, 2006). Para deixar de ser assombrada, seria necessário que a casa fosse destruída, pois enquanto existisse, haveria uma assombração junto a ela.

Uma vez que parece se tratar da essência de uma casa má, a assombração demonstra querer incomodar e assustar as pessoas que ousam ficar ali: a assombração bate às portas até chegar onde estão Eleanor e Theodora e dá a impressão de ficar um tempo escutando, como se as estudasse. Como o quarto está trancado e a assombração não consegue entrar, ela se enfurece e bate mais forte, como se quisesse arrombar a porta, até finalmente ir embora. Ao mesmo tempo, o doutor avista o vulto de um cão perambulando pela casa e, juntamente com Luke, o persegue até o lado de fora.

---

<sup>9</sup> “Hill House, whatever the cause, has been unfit for human habitation for upwards of twenty years. What it was like before then, whether its personality was molded by the people who lived here, or the things they did, or whether it was evil from its start are all questions I cannot answer”. (JACKSON, 2006, pp. 50-51).

Na manhã posterior a esses eventos, encontram na parede uma inscrição em giz dizendo: “AJUDEM ELEANOR A VIR PARA CASA”<sup>10</sup> (JACKSON, 2006, p. 107, tradução nossa). A mesma inscrição também aparece no quarto de Theodora, que vai passar aquela noite no quarto de Eleanor, de onde ouvem uma voz murmurando e chorando como uma criança. Eleanor pensa estar segurando a mão de sua amiga, mas quando as luzes se acendem, ela percebe que Theodora esteve fora de seu alcance o tempo todo, o que indica que ela estivera de fato segurando a mão da assombração.

É importante destacar que Eleanor parecia estar mais “em sintonia” com *Hill House* do que os outros personagens: fora ela que chamara atenção para o cheiro estranho na biblioteca, além de ter sido a sua mão que a assombração segurara e o seu nome que fora escrito na parede. É como se a casa a afetasse mais do que aos outros, como se por algum motivo que nem mesmo ela compreendia, Eleanor fosse mais suscetível às influências sobrenaturais. Para o doutor Montague,

[...] um ambiente como esse pode decifrar as falhas, imperfeições e as fraquezas em todos nós e nos destruir em questão de dias. Só temos uma defesa, que é fugir. Pelo menos a casa não pode nos seguir, certo? Quando nos sentirmos em perigo, podemos ir embora da mesma forma que viemos. E — ele completou secamente — o mais rápido que pudermos.

— Mas fomos prevenidos — disse Eleanor — e nós quatro estamos juntos.

— Já mencionei isso a Luke e Theodora — disse ele. — Prometam-me que irão embora o mais rápido possível se começarem a sentir que a casa os está dominando.

— Eu prometo — Eleanor disse, sorrindo. Ele está tentando fazer com que eu me sinta mais segura, ela pensou, sentindo-se grata. — Está tudo bem — ela lhe disse — É verdade, está tudo bem<sup>11</sup> (JACKSON, 2006, p. 91, tradução nossa).

---

<sup>10</sup> “HELP ELEANOR COME HOME”. (JACKSON, 2006, p. 107).

<sup>11</sup> “[...] an atmosphere like this one can find out the flaws and faults and weaknesses in all of us, and break us apart in a matter of days. We have only one defense, and that is running away. At least it can't follow us, can it? When we feel ourselves endangered we can leave, just as we came. And,’ he added dryly, ‘just as fast as we can’.

‘But we are forewarned,’ Eleanor said, ‘and there are four of us together.’

‘I have already mentioned this to Luke and Theodora,’ he said. ‘Promise me absolutely that you will leave, as fast as you can, if you begin to feel the house catching at you.’

‘I promise,’ Eleanor said, smiling. He is trying to make me feel braver, she thought, and was grateful. ‘It's all right, though,’ she told him. ‘Really, it's all right.’” (JACKSON, 2006, p. 91).

Se, de acordo com o doutor, a casa era capaz de “dominar” uma pessoa por meio de suas fraquezas, não podemos deixar de considerar que *Hill House* afetara Eleanor mais do que aos outros por ter, de algum modo, encontrado sua fraqueza. Se a analisarmos com atenção, poderemos encontrar algumas pistas para essa presumida suscetibilidade: o romance nos conta que Eleanor passara onze anos cuidando da mãe inválida, com quem tinha um relacionamento conturbado. Sua longa reclusão a deixara infeliz e introspectiva, pois não tinha amigos nem emprego, portanto, o convite do doutor Montague pode ter-lhe parecido a grande aventura de que precisava, e ela mostrou-se mais do que ansiosa por considerar aquelas novas pessoas seus amigos (JACKSON, 2006). Assim, seu passado e sua personalidade seriam a fraqueza através da qual a casa a atingira e a levava à sua destruição.

Ao considerarmos a já mencionada inscrição “AJUDEM ELEANOR A VIR PARA CASA”, podemos interpretar que a própria assombração considerava Eleanor de certa forma conectada a ela e a *Hill House*, como se ali fosse o novo lar onde ela devesse permanecer. Assim, cada noite de sua estadia serviria para aproximá-la cada vez mais da casa e da assombração, num avanço contínuo até finalmente Eleanor ser completamente dominada — ela de repente desenvolve uma consciência aguda da casa, escutando todos os barulhos dentro dela:

Eleanor sentou-se, olhando para suas mãos, e escutou os sons da casa. Em algum lugar no andar de cima uma porta fechou-se; um pássaro encostou-se à torre por um momento e foi embora. Na cozinha, o fogão estava esfriando com suaves rangidos. Um animal — um coelho? — moveu-se através das moitas perto do quiosque no jardim. Ela podia até escutar, com sua nova consciência da casa, a poeira flutuando gentilmente no sótão e a madeira envelhecendo.<sup>12</sup> (JACKSON, 2006, p. 165, tradução nossa).

---

<sup>12</sup> “Eleanor sat, looking down at her hands, and listened to the sounds of the house. Somewhere upstairs a door swung quietly shut; a bird touched the tower briefly and flew off. In the kitchen the stove was settling and cooling, with little soft creakings. An animal — a rabbit? — moved through the bushes by the summerhouse. She could even hear, with her new awareness of the house, the dust drifting gently in the attics, the wood aging”. (JACKSON, 2006, p. 165).

Durante a noite ela mesma começa a bater às portas dos quartos dos amigos, agindo como se fosse a assombração, como se, de repente, não soubesse mais se diferenciar dela: “[...] como são tolos, ela pensou, *nós* os enganamos tão facilmente”<sup>13</sup> (JACKSON, 2006, p. 170, grifo nosso, tradução nossa), como se realmente tivesse se unido à assombração num único ser. Eleanor corre e esconde-se dos outros personagens quando estes saem para procurá-la, percorrendo todos os aposentos e a varanda em volta da casa: parece totalmente lunática e, por um momento, esquece até quem são os outros e quais são seus nomes (p. 172).

Após esse comportamento incomum, todos se mostram preocupados com ela e insistem para que vá embora. Arrumam suas malas e preparam seu carro, embora ela repita que não deseja partir, e a alternativa em que consegue pensar é deliberadamente bater o carro contra uma árvore da propriedade, matando-se para, dessa forma, permanecer em *Hill House* para sempre. Não há como saber ao certo se a morte de Eleanor estava conectada com a da primeira esposa de Hugh Crain, pois o livro não deixa claro até que ponto a assombração poderia causar essas tragédias — provavelmente, a intenção da autora não era esclarecer esses pontos, mas sim manter o aspecto fantástico da narrativa. Assim, ela nos oferece tanto pistas de que havia algo sobrenatural quanto possíveis explicações lógicas para o ocorrido, como, por exemplo, ao expor o passado conturbado de Eleanor sugerir que sua mente poderia estar fraquejando, combinando, dessa forma, as duas possibilidades de explicação.

## 6. UMA ANÁLISE DIFERENTE

No entanto, se considerarmos que ao longo do romance ocorrem manifestações da assombração que Eleanor não testemunha (o vulto do cão que Luke e o doutor seguem para fora de casa; e algo que apenas Theodora vê quando estão caminhando

---

<sup>13</sup> “[...] what fools they are, she thought; we trick them so easily”. (JACKSON, 2006, p. 170).

no jardim), além do fato de que a assombração já habitava a casa muito antes de Eleanor se aproximar dela (ou mesmo nascer), parece razoável afirmar que a existência da assombração independe da personagem Eleanor, e não que se origina dela, conforme declarou Laura Miller. Poderíamos considerar, no entanto, que as manifestações da assombração durante a estadia de Eleanor em *Hill House* possam ter afetado a personagem de tal maneira que, com essa conexão, Eleanor começasse a se confundir com a assombração, como se a outra essência a induzisse a agir e a pensar de outra maneira, o que culminou na indissociação de suas psiques: “Sou como uma pequena criatura engolida por um monstro, ela pensou [...]”<sup>14</sup> (JACKSON, 2006, p. 29, tradução nossa), sensação de assimilação que se repete após a assombração ter tentado arrombar a porta e Eleanor confessar que “[a] sensação era de que queria nos consumir, nos absorver, nos tornar uma parte da casa [...]”<sup>15</sup> (p. 102, tradução nossa).

Em vez de simplesmente procurar culpar um único personagem por algo que todos experimentaram, parece coerente afirmar que a assombração apenas influenciou uma mente fraca e já perturbada, e, por isso, afetou Eleanor mais do que aos outros personagens. Ao procurar responsabilizá-la pelo assombramento da casa, Laura Miller deixou de lado os eventos fantásticos ocorridos na ausência de Eleanor, sem conseguir justificá-los de maneira satisfatória.

Uma vez que *Hill House* fora repetidamente caracterizada como insana ao longo da obra e estava tão intimamente vinculada à assombração (que, por sua vez, parecia ligada à Eleanor), não parece improvável considerar que tanto a casa quanto a assombração despertassem a loucura de Eleanor — que, de outro modo, poderia ter permanecido latente caso ela não tivesse se aproximado do lugar. Ou talvez fosse justamente essa loucura latente o que atraía Eleanor para lá em primeiro lugar, já que ela sentira-se de certa forma *aguardada*:

---

<sup>14</sup> “I am like a small creature swallowed whole by a monster, she thought [...]”. (JACKSON, 2006, p. 29).

<sup>15</sup> “The sense was that it wanted to consume us, take us into itself, make us a part of the house [...]”. (JACKSON, 2006, p. 102).

[...] ela pensou que sua profunda falta de vontade de entrar em contato com Hill House pela primeira vez vinha diretamente da vívida sensação de que a casa estava esperando por ela, má, porém paciente.<sup>16</sup> (JACKSON, 2006, p. 25, tradução nossa).

Se o doutor Montague convidara Eleanor com o intuito de que sua presença de algum modo pudesse “[...] intensificar as energias que atuavam na casa”<sup>17</sup> (JACKSON, 2006, p. 52, tradução nossa), parece que fora justamente o oposto que ocorrera: a casa intensificara a loucura de Eleanor. O romance sugere que essa loucura poderia ser causada, pelo menos em parte, pela própria ambientação da casa, pois seus ângulos perturbariam a mente de quem os contemplasse, como já explicamos anteriormente. Em uma obra gótica não é incomum a ambientação antiquada causar estranhamento aos personagens, influenciando-os — a caracterização do espaço é muitas vezes suficiente para despertar o medo e a apreensão. O quarto onde Eleanor dormia, por exemplo, parecia imperfeito, de dimensões erradas, como se as paredes fossem mais longas do que seus olhos poderiam tolerar (pp. 28-29). Na primeira noite que passou em *Hill House*, por exemplo, Eleanor parecia demasiado transtornada:

[...] Todos viram que eu estava com medo.  
Ela tremeu e sentou-se na cama para alcançar a colcha. Depois, meio distraída e com frio, ela desceu da cama e atravessou o quarto descalça e silenciosamente para girar a chave na fechadura da porta. Eles não saberão que eu tranquei, ela pensou, e voltou rapidamente para a cama. Coberta pela colcha, ela se viu olhando apreensiva para a janela, que brilhava palidamente na escuridão, e então para a porta. Gostaria de poder tomar uma pílula para dormir, ela pensou, e mais uma vez olhou por sob o ombro compulsivamente para a janela e depois para a porta, e pensou: Está se movendo? Mas eu a tranquei. Está se movendo?<sup>18</sup> (JACKSON, 2006, p. 66, tradução nossa).

<sup>16</sup> “[...] she thought that her deep unwillingness to touch Hill House for the first time came directly from the vivid feeling that it was waiting for her, evil, but patient”. (JACKSON, 2006, p. 25).

<sup>17</sup> “[...] intensify the forces at work in the house”. (JACKSON, 2006, p. 52).

<sup>18</sup> “[...] They all saw that I was afraid’.

She shivered and sat up in bed to reach for the quilt at the foot. Then, half amused and half cold, she slipped out of bed and went, barefoot and silent, across the room to turn the key in the lock of the door; they won't know I locked it, she thought, and went hastily back to bed. With the quilt pulled up around her she found herself looking with quick apprehension at the window, shining palely in the



Se o quarto causara-lhe tamanho estranhamento na primeira noite, nos dias subsequentes tal sensação não desaparecera de todo:

Tornou-se um hábito de Eleanor hesitar na porta de seu quarto, olhando rapidamente para todo o aposento antes de entrar; ela se convenceu de que fazia isso porque o quarto era excessivamente azul e demorava um momento até se acostumar a ele. Após entrar, ela atravessou o quarto para abrir a janela, que sempre encontrava fechada [...].<sup>19</sup> (JACKSON, 2006, p. 112, tradução nossa).

Além da ambientação, a própria história da casa, com sua fama de mal-assombrada, também poderia influenciar a mente dos personagens: por isso o doutor Montague hesitara em narrar os eventos ocorridos em *Hill House*, pois ele preferia que os outros permanecessem ignorantes e receptivos para evitar interferir em suas experiências na casa (JACKSON, 2006, pp. 49-50). Desse modo, a ambientação e a reputação da casa poderiam ter contribuído para o desequilíbrio psicológico de Eleanor — assim, tanto uma explicação lógica quanto o aspecto sobrenatural se combinariam para oferecer uma justificativa plausível para o desfecho do romance — e, como vimos no início deste artigo, era justamente esse misto que Walpole considerava gótico. Como uma obra desse gênero, portanto, o enredo de *The Haunting of Hill House* oscila entre a realidade e a possibilidade do sobrenatural, sugerindo que o limite entre eles foi cruzado, sem deixar claro exatamente por que e como aqueles estranhos eventos estavam ocorrendo.

---

darkness, and then at the door. I wish I had a sleeping pill to take, she thought, and looked again over her shoulder, compulsively, at the window, and then again at the door, and thought, Is it moving? But I locked it; is it moving?" (JACKSON, 2006, p. 66).

<sup>19</sup> "It had become Eleanor's habit to hesitate in the doorway of her room, glancing around quickly before she went inside; she told herself that this was because the room was so exceedingly blue and always took a moment to get used to. When she came inside she went across to open the window, which she always found closed [...]" (JACKSON, 2006, p. 112).



## REFERÊNCIAS

HOGLE, Jerrold. "Introduction: The Gothic in Western Culture" In HOGLE, Jerrold. *The Cambridge Companion to Gothic Fiction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

JACKSON, Shirley. *The Haunting of Hill House*. New York: Penguin Books, 2006.

JAMES, Henry. *Outra volta do parafuso*. Tradução de Brenno Silveira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. [1898].

MILLER, Laura. "Introduction" In JACKSON, Shirley. *The Haunting of Hill House*. New York: Penguin Books, 2006.

STOKER, Bram. *Dracula*. London: Penguin, 2003.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

WALPOLE, Horace. *O Castelo de Otranto*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

Submetido em: 14/08/2015

Aceito em: 08/10/2015